

A melancolia de resistência como identidade:  
um estudo sobre as personagens  
*Sem Medo e Aníbal* das obras  
*Mayombe* e *A Geração da Utopia*, de Pepetela

---

*The Melancholy of Resistance as Identity:  
a Study about Characters  
Sem Medo and Aníbal of  
Mayombe and A Geração da Utopia  
by Pepetela*

96

---

Cibele Verrangia Correa da Silva\*

**RESUMO:** Este artigo se dedica a refletir sobre uma importante temática que está presente em grande parte das literaturas africanas de língua portuguesa, em especial, a angolana, que é a relação do fazer literário com os processos de (re)construção identitária, observando o projeto da gestação do nacional, bem como as subjetividades individuais em um contexto atravessado pelo pós-colonial, passando pelo universo do engajamento, importante elemento estético e temático das narrativas que se forjam neste período, bem como as ações e movimentações que levam o discurso engajado ao desencanto e a apatia de um tempo desesperançado, mas nem por isso letárgico ou apático, o que chamamos de **melancolia de resistência**, termo cunhado por nós e que será apresentado neste, observando duas importantes personagens da narrativa pepeteliana, *corpus* central deste estudo. Nos debruçamos a analisar a construção estética, estrutural e temática de duas importantes personagens dos romances *Mayombe* e *A Geração da Utopia* de Pepetela, ou seja, *Sem Medo* e *Aníbal*, que nas suas condições de pseudo protagonistas, trazem em si toda a experiência da luta e da resistência, hibridizando esperanças e desencantos, num movimento que exige o mergulho em si, para enfim encontrar novas estratégias de enfrentamento e lugares de fala que a melancolia traz.

---

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

**PALAVRAS-CHAVE:** Melancolia de resistência. Identidade. *Mayombe*. *A Geração da Utopia*. *Sem Medo e Aníbal*.

**ABSTRACT:** This article is dedicated to reflect on an important theme that is present in a large part of the African literatures of Portuguese language, especially the Angolan one, that is the relation of the literary doing with the processes of (re) construction of identity, observing the project of the gestation of the national, as well as the individual subjectivities in a context crossed by the colonial post, passing through the universe of the engagement, important aesthetic and thematic element of the narratives that are forged in this period, as well as the actions and drives that take the discourse engaged to the disenchantment and the apathy of a hopeless but nevertheless lethargic or apathetic time, what we call the melancholy of resistance, a term coined by us and which will be presented in this, observing two important characters of the Pepetelian narrative, the central corpus of this study. We focus on the aesthetic, structural and thematic construction of two important characters in the novels *Mayombe* and *A Geração da Utopia*, ie *Sem Medo* and *Aníbal*, who in their pseudo protagonist conditions bring in the whole experience of struggle and resistance, hybridizing hopes and disenchantments, in a movement that requires the diving itself, in order to find new coping strategies and places of speech that melancholy brings.

**KEYWORDS:** Melancholy of Resistance. Identity. *Mayombe*. *A Geração da Utopia*. *Sem Medo* and *Aníbal*.

## Conversa inicial

[...] movimentos ancestrais  
Palavra “não-registrada”  
Oralidade em pausa  
Voos sem asas  
Vozes outrora ignoradas  
Histórias sem vez  
Verso sem papel...  
E o corpo se torna a tela:  
Onde se desenha a ação  
Se pinta o texto  
Se escreve o desenho  
Se ouve o gesto  
Se movimenta a memória  
Se vê a palavra  
Se tece a poesia...  
E todos os ancestrais param para abençoar - ouvir - ver - sentir,  
“E o verbo se fez dança e habitou entre nós”.

Mileide Santos

Este artigo se debruça a refletir sobre uma importante temática presente em grande parte dos textos literários africanos de língua portuguesa, que é a questão da (re) construção ou reinvenção identitária, observando todos os

trânsitos, fissuras e deslocamentos que tal projeto enseja, trazendo para o coração das obras o contexto do engajamento, tanto como motivação estética, quanto base discursiva e temática, num universo que afirma a literatura empenhada como missão, como lugar de luta e resistência, sem deixar de mencionar e historicizar as agruras, dores, sofrimentos, pesares, desencantos e desapontamentos com toda a conjuntura política, econômica e social que certos países adentraram quando do pós-guerra e das interferências e apropriações advindas da globalização e do capitalismo.

Trazemos neste artigo um recorte da tese *A melancolia de resistência como identidade: um estudo sobre as obras Mayombe e A Geração da Utopia de Pepetela*<sup>1</sup> para análise de duas importantes personagens das obras citadas no título desta tese, ou seja, *Sem Medo* e *Aníbal, o Sábio*, que nas suas condições de pseudoprotagonistas nos guiam nesta expedição que promete um encontro identitário hibridado de fazeres e versos engajados e melancólicos, numa melancolia que longe de ser apatia e esterilização, é pulsão de vida, força, luta e resistência, a **melancolia de resistência**.

A formação da identidade angolana que se moldava então também em sua literatura instiga investigações visando a aprofundar os processos ambíguos e tensos presentes na constituição de quaisquer identidades, não menos da identidade nacional. A relevância de Pepetela na história política, cultural e artística de Angola fez com que este escritor fosse aqui eleito para subsidiar as reflexões que seguem, precisamente, a partir de duas de suas obras: *Mayombe*, publicada pela primeira vez em 1980 e *A Geração da Utopia* cuja primeira edição data de 1992. O lapso temporal não é gratuito.

É nosso objetivo observar a confecção de uma arte engajada que se faz determinante no processo de construção da nação angolana, denunciadora das

---

<sup>1</sup> Tese de doutorado defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Estudos Literários, na Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, com financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa do Espírito Santo - Fapes.

mazelas do colonialismo e defensora dos interesses de grupos até então silenciados. Através das diversas personagens das obras analisadas que - em especial, as que trazemos para este trabalho - de forma alegórica, trazem toda uma representação da população angolana, em sua luta pela sobrevivência num contexto de guerras, pobreza, fome, violência e indignação.

O enredo de *Mayombe* mostra-nos as diferentes visões daqueles homens que, nas agruras da floresta, gestavam os sonhos e anseios da libertação nacional. O texto é impregnado de vozes, sobretudo, solilóquios, e diálogos, quando cada guerrilheiro “rumina” suas ideias e as desenvolvem em resposta silenciosa ao que ouviu ou observou no outro, com o qual concordou ou discordou.

Em *A Geração da Utopia*, temos um balanço das conquistas dos libertadores que, de forma positiva ou negativa, haviam mobilizado toda uma geração que participa e “assina” a independência, mas que, anos depois, vivencia uma realidade não prevista, vantajosa para alguns que a usufruem com uma dose maior ou menor de cinismo, de um lado, de pragmatismo, de outro; mas que também cria uma atmosfera de dúvida, medo, isolamento, angústia e depressão (temas da melancolia). A utopia daquela geração era o projeto nacionalista e um modelo de Estado orientado pelos ideais socialistas. Contudo, este Estado se torna um lugar de privilegiados combinado a uma burocracia que desumaniza. Não demora tanto para que os padrões neoliberais se imponham massivamente, endossando a perspectiva melancólica do discurso que, contudo, caminha, novamente para uma resistência melancólica, marcada pela fala descontente, descrente e apática de várias personagens, mas que pode significar a não cumplicidade com aquele “estado de coisas”; em especial, na construção da personagem do comandante *Aníbal, o Sábio*.

Defendemos que a marca do autor, narrador, trama e personagens é uma original prosa ao mesmo tempo engajada e melancólica, melhor dizendo, a **melancolia de resistência**. Talvez, fruto da percepção posterior à vitória de que é preciso muito mais que a independência política para se atingir o ideal

de um país efetivamente justo, livre e igualitário, o que leva o autor a propagar o discurso do desapontamento, da descrença, do desencantamento, mas, ainda assim, num aparente paradoxo, politicamente engajado. Assim, o que grande parte da fortuna crítica de Pepetela trata como utopia, nós procuramos discutir à luz de um conceito que defendemos como mais rico para efeitos de análise e que marca a vida e a arte no contexto pós-colonial para além das lutas revolucionárias, que é o conceito de **melancolia de resistência**, que procuramos desenvolver.

### Pepetela e sua arte-vida

[...] Foi buscar nos livros, nos rabiscos, vídeos, não ditos, apagados  
Suas histórias, seu legado  
Depois do Vento ter levado  
Encontrou o chão para viver  
Sentiu a Terra  
Buscou a Água  
Fez-se na Lama  
Aquietou a alma  
Para por fim, se fortalecer [...].

100

Ríssiani Queiróz

Pepetela, pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, ou simplesmente Pepe como o chamam os mais íntimos, é o grande nome da literatura angolana na modernidade. “Pestana”, que em umbundo chama Pepetela, mais do que um apelido ou “nome falso”, é a sua marca como ativista, escritor, combatente, intelectual militante, sujeito político e social da história de Angola.

A “pestana”, na visão de Mia Couto, simboliza “essa vigilância do olhar sobre as mudanças de que somos sempre corresponsáveis” (COUTO, 2009, p. 82) e preconiza a metáfora do autor que constrói o seu devir na autorreflexão constante do seu discurso e da sua postura como agente transformador da realidade e porta voz dos sonhos e anseios de um povo.

Os seus grandes romances sugerem uma continuidade entre gerações, uma harmonização de diferenças numa mesma totalidade. Esta urgência de pertença, esse contorno que contém e esbate diferenças é, afinal, Angola. A ideia de angolanidade está presente em toda a sua obra mas de forma tão natural que não a condiciona do ponto de vista literário. Pepetela está a escrever não sobre Angola. Ele está escrevendo Angola, essa que há mas que ainda não existe, a sonhada e a geradora de sonhos (COUTO, 2009, p. 82).

Apesar da intensa e múltipla participação política na formação da sociedade angolana vinculada diretamente ao projeto da independência colonial, é com a literatura que Pepetela realiza seu ideal revolucionário. Sua narrativa, construída na perspectiva do engajamento, produz uma estética que representa esse ideal de uma arte literária em seu potencial de intervenção na realidade. Pepetela não dissocia o fazer literário da *práxis* social, colocando-se como um autor que propõe narrativas quase pedagógicas, denunciadoras dos problemas da nação em construção: “[...] a literatura e essa preocupação social apareceram ligadas em mim desde o princípio, portanto, agora é um bocado tarde para mudar... há é que aperfeiçoar isso...” (PEPETELA, 2009, p. 31).

101

Nesse contexto, a produção pepeteliana forja-se numa intelectualidade orgânica que transcende a ideia clássica da erudição distanciada do objeto referenciado, mas, ao contrário, é através de sua ação e envolvimento com os problemas que atravessam a sua realidade, que o autor confere voz aos grupos historicamente silenciados e invisibilizados.

Podemos dizer que pela criação estética, bem como a visão política e emancipadora, temos um autor que transita nas fronteiras do entre-lugar, típico da produção pós-colonial. O termo cunhado por Silviano Santiago (2000) - Bhabha (1998) fala em *in-between*, nos diz da desconstrução do sujeito moderno e rígido em prol da conflitividade e da hibridez, num apelo para a invenção de “outras epistemologias” que percebam as pluralidades culturais e seus entrelaçamentos que implodem a ideia de produção da subalternidade como inferioridade. Santiago afirma que:

[...] no momento exato em que se abandona o domínio restrito do colonialismo econômico, compreendemos que muitas vezes é necessário inverter os valores que definem os grupos em oposição e, talvez, questionar o próprio conceito de superioridade (SANTIAGO, 2000, p. 10).

Estar no entre-lugar é ocupar um tempo revisionário, em que passado e presente são elementos em construção, pois se vive nas fronteiras culturais da tradição e da modernidade. O sujeito pós-colonial é um sujeito que caminha “através”, buscando sua identidade na intersecção dos tempos. O presente é um lugar a se construir, na resignificação do passado e dos valores construídos pelos complexos coloniais.

Nosso autor “estava destinado a ser um desses seres de fronteira que contrabandeavam valores, histórias e fantasia” (COUTO, 2009, p. 83), pois sua arte caminha nos limites do tempo e dos sentimentos. Sua missão como escritor é desconstruir o modelo eurocêntrico opressor, denunciando as mazelas vivenciadas pelos marginalizados em Angola bem como propondo alternativas de fuga, ou seja, sua obra propôs uma estética fronteiriça de resistência. Homi Bhabha, em *O local da cultura* (1998), afirma que:

[...] encontramos no momento do trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no “além”: um movimento exploratório incessante, que o termo francês *au-delà* capta tão bem - aqui e lá, de todos os lados, *fort/da*, para lá e para cá, para a frente e para trás (BHABHA, 1998, p. 19).

A identidade em Pepetela é um processo em construção, uma vez que o indivíduo não nasce angolano, mas torna-se e o que vai determinar essa postura é o compromisso com a libertação de sua nação, ou seja, seu engajamento. Nosso autor atenta, assim, para as diferentes vozes e visões que pululam no imaginário angolano, observando o lugar da diversidade e das diferenças, sendo esta a real e verdadeira riqueza da nação.

## A melancolia de resistência: nuances e vertentes

Pensamento certo ao fechar os olhos: Frustração...  
Fracasso...Desista!  
Aí você... Se fecha... Olha pra dentro de si...  
Vê pelas frestas, a vida... E volta a ser um embrião... No ventre do  
universo!  
QUANDO A MORTE SE APRESENTA... É AÍ QUE COMEÇA A VIDA

Sandra Chagas

A categoria melancolia tem nos interessado no sentido de percebermos como esta pode influenciar subjetividades, principalmente no âmbito da produção artística, compondo características únicas para certas percepções da realidade, bem como na estética do texto literário, entendida como melancolia literária. Vemos como a “chave” da melancolia atravessa o artista e escritor Pepetela e faz com que essa pulsão de arte que nasce dessa experiência tenha caracteres próprios, especiais. Não apenas, contudo.

103

A melancolia vem para nos ajudar a traduzir a prosa pepeteliana e, em grande medida, cada uma de suas personagens que se encontram na encruzilhada entre a utopia e a realidade, entre o projeto, o sonho, a luta e suas contradições, as mais íntimas, e as de seu contexto, em especial as personagens *Sem Medo* e *Aníbal*, contempladas neste artigo.

Importa-nos, sobretudo, chamar atenção ao caráter de resistência e enfrentamento contido na noção de melancolia, que chamamos de **melancolia de resistência**, expressão que cunhamos para designar o que pareceu, a nossos olhos, contagiar o universo pós-colonial, e que não é sinônimo do “vazio pós-moderno”. Com a terminologia focalizamos oportunamente a guerra de libertação em África e, especialmente, a obra pepeteliana. Digamos que desejamos melhor descrever a estrutura de sentimentos (WILLIAMS, 2011) na qual Pepetela escreve sua obra. Nossa ideia é de que o clima ou humor, como também Williams compreende a estrutura de sentimentos não é apenas interno



ao agente, mas está também impregnado e materializado no mundo real. Podemos pensar nos livros, por exemplo. Começemos, porém, pelo começo.

A melancolia foi estudada ao longo dos tempos e intrigou inúmeros intelectuais por se tratar de um “estado da alma”, uma sensação de frustração e “desencaixe” em vida. Os sujeitos em estado de melancolia eram apontados na sociedade, ora por aspectos negativos, ora por serem considerados estando além do seu tempo, dotados de uma sensibilidade, criatividade fora do comum, a genialidade.

No célebre estudo *O homem de gênio e a melancolia - Problema XXX* (1998), do filósofo Aristóteles, observa-se a melancolia como a motivação da genialidade, sendo estes homens considerados de exceção. Por isso, não é casual que a melancolia marque tão incisivamente as artes e a literatura. Freud (2011), bem mais tarde, em sentido oposto, trata-a como patologia da alma, olhando-a, portanto, sob uma perspectiva clínica, e relacionou-a ao luto (*Luto e melancolia* - texto publicado originalmente em 1917), à loucura, à mania, à perda das raízes e do pertencimento, ao afastamento da vida cotidiana, que gerava o incômodo, a noção de doença, bem como de cura.

Deve ser dito que esse sentimento, experiência, humor, “doença”, esteve sempre associado a situações que imprimiam mudanças na sociedade, que colocavam os sujeitos em lugares limites, que os obrigassem a uma reflexão mais aprofundada de si e do todo. Assim, o luto é relacionado à noção de perda e chegamos aí também na ideia de resistência, tema caro aos estudos pós-coloniais, em que a “cura” se dá pela reconstrução identitária, reescrita da história (individual e coletiva) e retomada do poder de narrar a si mesmo e de protagonizar a sua vida.

Noutros termos, a melancolia associada a diferentes situações levam os sujeitos a buscar esses espaços “profundos” de si, um autoconhecimento e uma resposta autoral a certas situações da vida que motivaram tal “mergulho”, colocando-

os, pela imersão intensa, em um estágio quase transcendental, em que o sujeito se põe em xeque e ousa propor outras subjetivações/identidades como luta e resistência diante do mundo que o oprime.

A **melancolia de resistência** parece-nos decisiva em circunstâncias de desenraizamento, exílio, nostalgia e saudade, guerras, violências, despersonalizações de toda a espécie, como o racismo, produzindo, num aparente paradoxo, levantes criativos de embate e combate, construindo epistemologias no contexto pós-colonial.

No lugar de pensarmos a melancolia como solo infértil, terreno árido, infrutífero, a resignificação que fazemos da melancolia, a percebe como potencialidade transformadora, autoral, anti-hegemônica, tendo na produção artística, especificamente, literária, sua representação máxima. A melancolia será metaforizada em arte que, numa linguagem muito característica, beira o desapontamento e o desencanto, ao mesmo tempo em que ousa desafiar o sistema e se refaz num processo de luta e resistência.

Pensando a realidade dentro do campo do descontentamento e do desencanto, muitas vezes, o sujeito melancólico não se conforma com a ideia presente da perda, construindo respostas nem sempre harmônicas para esta experiência. Passando pela imagem da autculpa, tem-se um sujeito masoquista, que se agride e se violenta para expurgar a dor e a tristeza da perda.

[...] Um desses elementos é a constatação de que o sujeito é originalmente masoquista. O núcleo masoquista, tão remoto na organização do psiquismo, desnuda-se no discurso melancólico. O sujeito se tortura com auto-acusações, apresenta-se como responsável pela infelicidade que o rodeia e verbaliza, muitas vezes, que está sobrando e que seu desaparecimento poderia resolver uma série de problemas no ambiente próximo. Não raro insinua a possibilidade de matar-se. Podemos perceber, com clareza, o processo *auto* tantas vezes repetido por Freud. No psiquismo melancólico, tudo se passa numa referência *ptolomaica*, do eu em torno de si mesmo, vítima e algoz em seu sofrimento ampliado. Nesse contexto, morrer, virar pó, *nadificar-se* é quase uma consequência. Obedece à lógica própria do melancólico que se vê como destituído de qualquer valor ou importância - *um resto* (EDLER, 2008, p. 69).

Vemos a existência de um sujeito que confronta, a todo momento, a existência e, nesse limiar de constituição de sujeito do desejo, temos a presentificação da culpa, da autopunição e do desejo de desaparecimento.

Jaime Ginzburg traz em *Literatura, violência e melancolia* (2012), o conceito de “culturas melancólicas” em que as obras de arte seriam pautadas por uma profunda tristeza e dor, dialogando diretamente com certa “incapacidade das sociedades de interromperem suas escaladas de destruição” (GINZBURG, 2012, 13). Traz a ideia de uma melancolia coletiva, marcada por processos de violência, que abalariam as produções artísticas, observando a melancolia como fragilização e como possível perda de referências. Num primeiro momento, o melancólico tende a violentar-se, culpando-se pela dor, pela tristeza, pela procrastinação. Em outro estágio, o sujeito melancólico rebelar-se contra o mundo, promove ações de luta e enfrentamento.

O interesse de tratar a representação da violência como um processo melancólico reside na possibilidade de entender o bandido literário e a tristeza que o cerca de uma forma distinta de uma moralidade tradicional, que entenderia esta melancolia essencialmente como a culpa que um assassino sente por ter transgredido a norma. Mas o melancólico não diz respeito exatamente à culpa: o sofrimento espiritual do bandido não se dá no nível do arrependimento ético propriamente, e nesse sentido não é o ato violento que gera o sofrimento, mas antes, e de maneira mais consciente, qual motivos estão por trás da violência (SOUZA, 2011, p. 05).

Podemos ver esta experiência, segundo o referido autor, nas obras de arte, em especial, na literatura. As literaturas chamadas de resistência e seus autores, claro, de certa forma, vivenciam esta noção de uma melancolia coletiva, quando movem suas ações e produções em confronto ao sistema que age de forma violenta e opressora: “[...] A melancolia representa para o sujeito aquilo que a alegoria representa em relação ao objeto: a consciência aguda de sua inscrição na história e a violenta irrupção da morte no horizonte temporal da vida (LAGES, 2007, p. 154).

Uma situação que acaba gerando, através da violência, processos de melancolia, é o racismo. Frantz Fanon, em seu clássico livro *Pele negra, máscaras brancas* (2008), aborda a melancolia dos negros no mundo moderno gerada pela ausência de reconhecimento de si, sempre buscando a aparência/existência no outro, a perda de uma autoimagem não conhecida e, portanto, inexistente. A melancolia é criada aqui pela impossibilidade de poder ser quem é ou quem quer ser.

[...] começo a sofrer por não ser branco, na medida o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, me extirpa qualquer valor, qualquer originalidade, pretende que seja um parasita no mundo, que é preciso que eu acompanhe o mais rapidamente possível o mundo branco, “que sou uma besta fera, que meu povo e eu somos um esterco ambulante, repugnantemente fornecedor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a fazer no mundo (FANON, 2008, p. 94).

O racismo como processo de engendramento de subjetividades e devires promove nos sujeitos toda uma série de violências e dores que leva ao apagamento da existência, da autoestima, das referências positivas de si, das identidades, da cultura, da ancestralidade, ou seja, de tudo aquilo que configura o ser na condição de sujeito. Frantz Fanon quando cita a melancolia dos negros fala de um processo profundo de perda provocado pelo racismo, neste sentido, uma perda que aniquila o sujeito enquanto ser social, relacionado ao mundo, fazendo-o imergir em si para muitas vezes chegar ao encontro do nada (citado também por Freud como a *nadificação* do sujeito melancólico, ou seja, a crença de que ele nada é ou significa para o mundo exterior).

Os mecanismos que geram a violência no mundo negro têm a especificidade de refletir e ampliar a perspectiva sócio-histórica na qual se situam as relações entre os grupos sociais. O cotidiano acaba sendo dominado pela memória da opressão, tanto física, psicológica, estrutural quanto simbolicamente. A negação de humanidade imposta ao sujeito negro durante a história da

escravidão e da máquina colonizadora pesou profundamente e muito mais do que se imaginava.

[...] A internalização do ódio de si traduz-se ainda por déficits de autoestima, pela autoflagelação e pela dúvida permanente sobre si e sobre a humanidade de seus semelhantes - principalmente das mulheres. Através das gerações e a despeito da educação, a memória dessa dor continua a infectar a alma de milhões de homens no continente africano (MONGA, 2010, p. 178).

O racismo como agente anulador de subjetividades obriga os sujeitos negros a olharem para si como forma desesperada de um encontro com um eu, que nem sempre se dá de forma passiva e harmônica. O processo segregador, pelo viés do complexo de inferioridade, cria no sujeito negro o desejo de assumir para si uma imagem da branquitude, do hegemônico, daquilo que aparece como o real existente. Para existir neste mundo de cores, ele precisa assumir-se como branco, mas no encontro com esta impossibilidade, temos a dor, o desespero, o não-lugar. É preciso que se haja uma tomada de consciência, um resgate de si, que tendemos a entender como o próprio passo mesmo que a melancolia promove como lugar-saída para a resistência.

108

O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer (COSTA, 1986, p. 106/107).

Sendo o racismo uma arma que leva os sujeitos à vivência do luto pela perda do objeto desejado, que aqui pode ser lido como a sua autoestima positiva, seus valores ancestrais, tradição, cultura, religião, linguagem, dentre outros, e, tal sofrimento obriga a um mergulho profundo, nem sempre desejado, em si, processo típico da melancolia, forçando um refletir intenso sobre sua atual condição. A melancolia de resistência, no entanto, aponta que é neste mergulhar profundo que acontece o despertar poderoso para algo que ainda não foi vivenciado e que leva estes sujeitos a elaborar respostas de luta e

resistência ao “luto”, sendo este processo a própria vontade de sobrevivência. Segundo Fanon, “[o] preto é um brinquedo nas mãos do branco; então, para romper este círculo infernal, ele explode [...]” (FANON, 2008, p. 126).

[...] o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir; ou ainda, se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontra em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter as distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de *escolher* a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais (FANON, 2008, p. 95/96).

A luta contra o racismo promovida por este lugar da **melancolia de resistência** e que passa pela ideia de reconhecimento pode partir do sujeito e que chega também no coletivo.

Na sua imediaticidade, a consciência de si é simples ser para si. Para obter a certeza de si-mesmo, é preciso a integração do conceito de reconhecimento. O outro, igualmente, espera nosso reconhecimento, a fim de se expandir na consciência de si universal. Cada consciência de si procura o absoluto. Ela quer ser reconhecida enquanto valor primordial, desvinculado da vida, como transformação da certeza subjetiva [...] em verdade objetiva [...] (FANON, 2008, p. 181).

Neste sentido, podemos perceber como as artes atuam nesta perspectiva, sendo colaborativas da transformação social e do reconhecimento dos processos libertários e emancipatórios que os sujeitos vivenciam na busca por (re)construir suas identidades e subjetividades.

A literatura em especial tem sido uma estratégia eficaz na representação desses entre-lugares da existência. Tais produções agem promovendo as vozes historicamente silenciadas e oprimidas, sendo basilares para o entendimento de outras epistemes, surgidas de um profundo encontro consigo mesmo que tais autores têm experimentado, produzindo obras de fato autorais, tanto estética quanto politicamente, correspondendo ao contexto das lutas pela descolonização no campo das artes, desenhando e pintando novos e belos horizontes.

Entender os novos sentidos de comportamentos individuais e coletivos por muito tempo e, ainda hoje, patologizados, exige a recriação das epistemes de modo que as novas produções confrontam todo o sistema padrão, tendendo a ser abortadas. Perseguir as epistemes descolonizadoras segue sendo, porém, resistência.

Em sendo a melancolia também o lugar da genialidade, da excepcionalidade como indicavam os estudos aristotélicos, também são excepcionais as produções que irrompem neste limiar de dor e autoconhecimento. Atribuímos tal genialidade à literatura de Pepetela cujas narrativas trazem tanto o engajamento e militância como também são preenchidas de tons desapontados e descrentes. Há em sua prosa melancólica e resistente sempre um jogo que tira o sujeito do externo, mergulha-o no interno e o reposiciona no mundo com uma proposta autoral, sendo esta a própria sistemática da **melancolia de resistência**.

Em *Mayombe* vemos o arquitetar dos caminhos da emancipação, quase que ingênua e pura, sendo então descortinada em *A Geração da Utopia* pelas linhas do desencanto e do desapontamento, mas há a certeza da luta, do confronto em que a melancolia é só um estágio para outras e novas formas de enfrentamento.

As análises que se seguirão das personagens escolhidas para nortearem este trabalho, buscarão demonstrar como a ressignificação da categoria melancolia em tempos pós-coloniais é nodal, em nossa percepção, para entendermos os deslocamentos que as culturas, sobretudo em África, têm produzido para encontrar os contornos das suas existências autóctones.

## Dos romances: cortando a mata virgem para imergir em oceanos de luta e resistência

Eu continuo acreditando na luta  
Não abro mão do meu falar onde quero  
Não me calo ao insulto de ninguém  
Eu sou um ser, uma pessoa como todos  
Não sou um bicho, um caso raro  
ou coisa estranha  
Sou a resposta, a controvérsia, a dedução  
A porta aberta onde entram discussões  
Sou a serpente venenosa: bote pronto

Eu sou a luta, sou a fala, o bate-pronto  
Eu sou o chute na canela do safado  
Eu sou um negro pelas ruas do país.

Lepê Correia

*Mayombe*, romance escrito em 1971 em meio ao campo de batalha e publicado somente em 1980, nasce com o intuito de ser um roteiro cinematográfico, tendo sido já identificado como texto jornalístico por seu caráter histórico e didático; é uma das obras mais conhecidas e publicadas do escritor angolano Pepetela, traduzida para idiomas como alemão, japonês, inglês, búlgaro, servo-croata, italiano, espanhol. Narra a resistência dos guerrilheiros anticoloniais na floresta do Mayombe, onde está montada sua principal base militar, bem como as estratégias da luta armada, pela libertação de Angola do jugo dominador e opressivo de Portugal. A narrativa pretende contar a construção da nova História em território angolano.

O gênero romance é o escolhido para traçar essas longas linhas que vêm traduzir o projeto nacional e os sonhos pela construção de uma Angola livre, autônoma, que se forja pelos próprios recursos e dificuldades, capturando desejos de transformação e a luta por igualdade e justiça. O romance é preferência da narratividade pepeteliana e por ser um gênero inacabado, em transmutação, se faz partícipe do projeto de Pepetela: “emprestar” a arte literária para a feitura da História. Se a História de Angola está se fazendo, na fronteira, nos



deslocamentos, o romance será o gênero que participará ativamente desse movimento.

[...] é o único gênero por se constituir, e ainda inacabado. As forças criadoras do gênero romanesco realizam-se sob a plena luz da História. A ossatura do romance enquanto gênero ainda está longe de ser consolidada, e não podemos ainda prever todas as suas possibilidades plásticas (BAKHTIN, 1998, p. 397).

Interessante é pensar que por mais que o romance seja um gênero literário marcado na episteme do colonizador, assim como a língua portuguesa, ele será subvertido nas literaturas autóctones, como a literatura angolana, espaços de crítica e denúncia das mazelas do projeto colonizatório, utilizados como saída em prol da emancipação. Metaforizando, seria usar a arma do dominador contra ele mesmo.

A obra é dividida em cinco capítulos e um epílogo, e as ações se passam principalmente na floresta Mayombe, que ao longo da narração vai ganhando vida para além da perspectiva espacial. Será a própria floresta que conduzirá as ações, esperanças, alimentará os corpos e sonhos, protegerá e enraizará afetos, desafetos, vida e morte.

112

[...] a relevância do espaço como elemento estrutural da narrativa exprime essa necessidade de fixar no chão os princípios que vão orientar a virada para uma nova ordem. Assim se pode compreender o especial tratamento concedido à floresta que dá nome ao romance. Vista em sua grandiosidade e na intimidade dos seres que ela abriga, a floresta não se confunde como o “mato” descrito pelas vozes do Império. A relação homem/espaço, mediada pelo ponto de vista da narrativa, funda-se agora numa base de aproximação, perfazendo-se aí o itinerário da identidade (CHAVES, 2009, p. 130).

Os capítulos intitulados “A Missão”, “A Base”, “Ondina”, “A Surucucu”, “A Amoreira” e o Epílogo contam-nos de maneira leve, simples e direta a complexidade de estar numa guerra - não qualquer guerra - em que os valores vão sendo construídos, disputados, desconstruídos e o amadurecimento dos jovens combatentes personagens desta narrativa histórica é mostrado passo-a-passo através das dores e dissabores que uma longa guerra de guerrilhas pode

trazer mediante a ocultação do grupo que sugere períodos de isolamento e incomunicabilidade com o que se passa externamente e em razão da necessária extrema mobilidade dos combatentes que os impedem de se fixar em algum lugar. Nessas vivências, dá-se, também a construção afetiva e identitária dos envolvidos.

Através do discurso engajado, temos uma história de rápida e fácil leitura, mas nem por isso descompromissada de intenções e valores estéticos, estruturais e conceituais, centrada na dialogicidade tanto entre as personagens, quanto entre o(s) narrador (narradores) e o leitor, e, talvez, principalmente, numa linguagem que denota a orientação política e ideológica intencionalmente militante da causa popular, libertária e de resistência. Narrar a história dos guerrilheiros do *Mayombe* é contar uma nova História para Angola, na tentativa de conciliação entre passado e presente, tradição e modernidade, exaltando esses heróis do povo, gente comum que se inscreve na História como propulsores da nova ordem e de um novo ideal.

[...] O contexto discursivo destas ficções historiográficas aponta para as possibilidades de outras leituras do passado - que designo como releituras -, de suas reinterpretações para o moldar às exigências da compreensão do presente - um presente cuja complexidade o tem tornado coletivamente trágico [...] (MATA, 2009, p. 193).

Nessa nítida intenção de (re)escrever a História de Angola, vamos conhecendo os posicionamentos políticos e ideológicos desses “realizadores”, numa alegoria com os objetivos maiores representados pelo próprio MPLA (Movimento Popular para Libertação de Angola), partido este que financia, forja e alimenta a guerra de libertação sob a diretriz marcadamente socialista/comunista. Os guerrilheiros sabem da sua importância no sentido pedagógico de orientar a população para esses ideais e criar uma atmosfera de esperança e confiança em tempos mais justos e igualitários. A luta de classes e a exploração da força de trabalho, a mais valia, são temáticas constantemente abordadas nos diálogos criados pela narrativa.

Entre dúvidas e esperanças, ouviremos vozes múltiplas e caminhar variado, histórias de dor e luta, o racismo como elemento dificultador da plena emancipação, a psicologia da guerra “centrada na luta de classes e circunstâncias pessoais” (CHAVES, 2009, p. 135), que desconstruem a categoria dos heróis guerrilheiros, destemidos e ilimitados em suas potencialidades, mas, humanizando o mito, trazem para o centro da “epopeia” as fragilidades e ambivalências do humano-herói, tendo a floresta como testemunha ocular desse encontro.

*A Geração da Utopia*, romance escrito em Berlim, editado em Portugal, publicado em 1992, doze anos após a publicação de *Mayombe*, traduzido para o espanhol somente em 2003, narra, num curso de trinta anos, marcado linearmente na narrativa, os sonhos e anseios dos jovens idealizadores da nova nação angolana, numa profunda e sincera representação da história da construção da própria identidade nacional. E na voz de Pepetela:

Esta geração realizou parte de seu projeto, a independência. Mas nós lutávamos pela criação de uma sociedade mais justa e mais livre, por oposição à que conhecíamos sob o colonialismo. Por razões várias (constantes interferências externas, desunião interna e erros de governação), este objetivo não foi atingido e hoje Angola ainda é um país que procura a paz e está destruído, economicamente desestruturado e com uma população miserável, enquanto meia dúzia de milionários esbanja e esconde fortunas no estrangeiro (PEPETELA, 2009, p. 43).

Nesta simples e direta afirmação de Pepetela, percebemos a atmosfera de desgosto e descontentamento que a autoria anuncia no desenho destas linhas que se seguem na narrativa. Teremos um texto dedicado a demonstrar, através dos próprios trâmites da História, a miséria humana e degradante que se tornou a gestão pública no pós-independência.

Mais uma vez, o gênero romance é o escolhido para traçar a crítica e a denúncia, bem como a alegorização de uma sociedade que se permitiu ser invadida pela corrupção, pela insensatez, pelo jogo dos favorecimentos, cedendo à ofensiva neoliberal e capitalista no continente e no mundo. O

romance histórico se doa à prosa pepeteliana, como gênero inacabado, e auxilia nosso autor numa representação da realidade de cunho político.

É importante salientar que o romance histórico, no caso da narrativa pepeteliana, também se traduz no romance de guerra. Em *A Geração da Utopia*, assim como em *Mayombe*, o foco central é a guerra de libertação, condutora das ações, emoções, subjetividades, encontros e marcas dessa nação em construção.

Numa altura em que a sociedade angolana discute a “eficácia da guerra e a sua funcionalidade como fatora de paz, a obra de Pepetela revela-se campo bastante para uma discussão especulativa sobre ela, cumprindo o preceito da sua pensatividade, ou seja, da sua meta-historicidade e funcionando para além da sua ficcionalidade (MATA, 2009, p. 202).

Neste caso, temos a gestação da guerra como primeiro momento da efabulação, na sequência, o acontecer da guerra, o pós-guerra e o futuro incerto, e, nem por isso, distante de uma perspectiva de guerrilha, uma vez que se faz internamente, do sujeito para o sujeito, do sujeito para o coletivo. Mais uma vez, estamos em contato com um romance de fronteiras, que acontece no deslocamento, no inacabamento da ação, na multiplicidade de formas, intenções e devires. O pós-colonial se presentifica nesta estética que permite apenas o trânsito, o caminhar. Não sabemos onde chegar e este desconhecido, ora desconcertante, ora acolhedor, é que torna a narrativa uma narrativa de possibilidades.

Nestas possibilidades, temos uma obra que se divide em partes, ou seja, em quatro partes, iniciando-se por “A casa” (1961), tendo sequência em “A chana” (1972), “O polvo” (1982), e finalizando com “O templo” (a partir de junho de 1991), todos estes sendo encerrados por um epílogo.

O encerramento das partes por um epílogo se faz como um encerramento mesmo de um ciclo, anunciando os próximos passos. Este recurso estético de fragmentação faz com que tenhamos muitas histórias dentro de uma mesma história, convergindo para um fim único. Cada apresentação final traz a

atmosfera do que vivemos, como resumo mesmo do acontecido e um anunciar das próximas páginas, alertando o leitor para o porvir.

Abrindo-se com a máxima “Portanto, só os ciclos eram eternos”, confrontando toda a normatividade da língua portuguesa iniciando uma frase com uma conjunção conclusiva, a narrativa de Pepetela anuncia a atemporalidade e atualidade das temáticas exploradas, bem como a presença da continuidade que é feito o romance histórico, abrindo-se a mostrar para o leitor a não repetitividade dos tempos e dos acontecimentos, mas a marca cíclica da História, os encontros não definitivos. Abdala Junior (2013) define este contexto:

Poderíamos ainda acrescentar: “portanto”, em nível dessa oralidade do escritor, é uma conjunção que não se atém apenas à idéia de conclusão definitiva de um raciocínio, mas também à idéia de enlace, próprio do conectivo, que liga processos. E será com os olhos processuais, em que nada é definitivo, que os ciclos já não podem ser vistos como eternos. Isto é, fechados, repetitivos. Em seus vaivéns, eles não se repetem, mas incorporam a diversidade originada em seus volteios, para se abrirem aos novos tempos. Isto é, no desenho que estabelecem, acabam por configurar espirais, que se abrem para o futuro, não voltando ao ponto de partida. E será por essas fendas que impossibilitam o desenho do círculo que se configurará o espaço para a materialização das aberturas utópicas (ABDALA JUNIOR, 2013, p. 70).

Fazendo uma análise do movimento revolucionário angolano, como promotor de momentos de profunda melancolia, apatia, descrença e desapontamento, no descortinar das utopias, ainda vemos a narrativa pepeteliana produzida no campo da resistência dos questionamentos, da contestação à corrupção massiva do governo e na via da desconstrução dos valores revolucionários que a sua geração tanto defendeu e acreditou. Tal desconstrução, no plano da interpretação, não implica que o autor destrua o socialismo ou qualquer outro regime. É súplica para que não confundamos o que o governo se tornou com o que foi acalantado pelos homens em armas. O desfecho da obra não é, se não, uma crítica nodal ao capitalismo, ainda que, antes, o autor tenha com inegável desolação descrito o governo socialista pós-independentista.

A *Geração da Utopia* tratando sobre os anseios da juventude angolana e da ideologia revolucionária, que ao longo da guerra civil e da dura realidade que tiveram de enfrentar, foram se afastando de seus objetivos iniciais, também fala das diferenças tribais, da problemática étnico-racial, do projeto da angolanidade como desafio a invenção da identidade nacional, e da melancolia que atinge os discursos, práticas e visões de mundo dessa nação em projeto.

Longe de construir uma crítica moralista ou apática sobre o fim da luta revolucionária em Angola (e por que não dizer em África?), Pepetela mostra através das personagens representativas desta geração suas falhas concretas, o despreparo intelectual, o deslumbramento com o poder e seus privilégios, a força com que o mercado global invadiu a África no pós-Guerra Fria, o imperialismo estadunidense se renovando e reinventando, atingindo no âmago o projeto emancipatório das jovens nações em África, que não se furtam ainda assim em se recriarem em resistência, sendo a melancolia hibridizada em processos de engajamento, uma etapa deste processo de um novo porvir de esperanças e anseios.

### Diálogos entre *Sem Medo* e *Aníbal*: o sonho e o despertar

Noite sem lua no deserto que comprime  
a exatidão das coisas  
paradoxo ambíguo de solidão estática do astro  
inigualável  
noite de breu no areal sem fim  
do eterno além-fronteira  
onde o nada vive acorrentado à esfinge  
da nossa escuridão  
flutuam estrelas mas a lua  
não vem na mesma rota  
das quimeras  
escondeu o rosto na lagoa  
onde perpétuo repousa  
o despertar inviolável  
da nossa cor de ébano

Olinda Beja

O estudo comparado destas duas personagens, determinantes em suas composições, comportamentos, particularidades e expressividades em ambos os romances, perpassa também por um olhar sobre a autoria. Sabendo do profundo envolvimento afetivo de nosso autor com as histórias contadas por estes textos, como atuante real na guerra de libertação, como intelectual pronto a assumir o ponto de vista do povo em suas impressões da realidade angolana, como ativista das causas em prol da valorização da tradição e da construção de uma identidade angolana determinada pelos angolanos e angolanas, é emblemático pensar nestas personagens como alegóricas da própria autoria, como *alter ego* pepeteliano.

Entendendo *alter ego* como um outro eu, uma identidade oculta, como uma parte de si que precisa existir como outro, mas plenamente confiável e parceiro dos objetivos, desejos e intenções que habita o eu, este outro eu inconsciente se revela em múltiplas identidades. Temos aqui duas personagens construídas dentro deste universo, que se moldam e são caracterizadas a partir da própria autoria, plenas de ideias, intenções, buscas, militâncias, frustrações, planos, desencantos.

Em *Mayombe*, temos em *Sem Medo* um *alter ego* pepeteliano de garra, força, expansão, jovialidade, representando aqueles momentos mesmos em que toda energia era depositada para se construir o plano do nacional, motivado pela ideia e ação independentista, forjada na luta e na revolução anticolonial, capaz da profunda reflexão sobre as questões importantes do momento, como a própria constituição ideológica em torno do projeto político nacional, mas também voltado à revisitação da tradição, da busca pelos valores mais caros para os que, antes da invasão, habitavam a terra em África.

Em *Aníbal* de *A Geração da Utopia*, vemos este mesmo eu múltiplo pepeteliano, moldado na força da crença na juventude apta a propor as mudanças, para a promoção do novo, o que vai sendo revelado quando da expansão de *Sábio* (nome de guerra da personagem), pois já havia aparecido em *Sem Medo*, de um *alter ego* desconfiado, severo, apresentando seu descontentamento com os

rumos pelo que a política tem se orientado, formando uma aura melancólica, desapontada, desencantada, mas lúcida, alerta. Não é um *alter ego* improdutivo ou estéril, mas que da profunda autoanálise, para daí retornar forte, sóbrio e propor novos contornos para a história: a **melancolia de resistência**.

À afirmação de Pepetela, disseminada nas falas de Aníbal, personagem de *A Geração da Utopia*, e antecipadas mais de uma década antes nas de Sem Medo (*Mayombe*), de que os propósitos da revolução foram traídos [...] indicam que da transformação assinalada pelos desamores do presente resulta a proposta de uma outra utopia. Todavia, a consciência histórica individual tem imposto as suas condições a qualquer nova utopia [...] (MATA, 2009, p. 201).

Esses múltiplos eus doados à arte literária fazem da prosa pepeteliana, como já afirmamos em outros momentos, uma prosa fronteiriça, forjada na revisitação dos tempos e na multiplicidade das formas. É uma estética feita nos fragmentos e na multiplicidade de corpos e devires, em que o pós-colonial vem traduzindo como força produtora estas subjetividades e identidades outras.

*Sem Medo*, pseudo protagonista<sup>2</sup> do romance *Mayombe* é a energia da guerra, pois encerra em si uma existência apenas possível no combate, na revolução. Suas ideias, projetos, falas, ideologias revelam essa estrutura de sentimentos de força vivenciada pelos guerrilheiros na luta pela descolonização. Podemos dizer que *Sem Medo* é a própria metáfora da narrativa, que se faz plena no engajamento e na resistência revolucionária, mas podemos dizer que encontramos em seu discurso momentos melancólicos, de dúvidas e desencantos, denunciando já esta aura desapontada que se consolidará doze anos depois em *A Geração da Utopia*.

- Sim, só te vejo como militar.
- Também eu, Ondina. Esse é o problema. Porque um dia será necessário abandonar a arma, já não haverá razão para vestir farda... Porque também não gosto de estar num exército regular.
- Que farás então, quando acabar a guerra?
- Não sei. Isso não me preocupa. E tu?

---

<sup>2</sup> Pepetela nesses romances destitui o posto de protagonista das personagens, uma vez que todas elas têm lugar de fala e importância igual na efabulação e no desenrolar do enredo, bem como dos acontecimentos da narrativa e da alegoria construída.



- Estamos a falar de ti. Não te vejo também como marinheiro, não é esse o teu gênero. E não és pessoa para viver duma pensão e entreter os outros com os teus feitos na guerra.
- Em suma, não tenho futuro. Mas isso não me atrapalha.
- No entanto, deves fazer planos. Por vezes não sonhos com o futuro?
- Sim.
- O quê?
- Coisas impossíveis.
- Por exemplo?
- Ora. Que todos os homens deixam de ser estúpidos e começam a aceitar as ideias dos outros. Que ser poderá andar nu nas ruas. Que se poderá rir à vontade, sem que ninguém se volte para ti e ponha um dedo na cabeça. Que se faça amor quando se quiser, sem pensar nas consequências. Etc, etc. Coisas impossíveis, como vês (PEPETELA, 2013, p. 190/191).

[...] Sem Medo, figura ambígua, ao despertar tanto admiração quanto rejeição, cuja presença é, porém, sempre magnética, marcando a narrativa do princípio ao fim. Os principais traços deste personagem são a irreverência, o despojamento heroico, e a certeza da vitória da luta de independência, associada à noção dos perigos gigantescos a serem enfrentados depois, para que fosse possível a construção de uma nação angolana efetivamente livre [...] (RUIVO, 2009, p. 243).

*Anibal, o Sábio*, também como pseudo protagonista de *A Geração da Utopia*, é construído na luta e no engajamento da gestação do projeto revolucionário. Temos uma diferença aqui em relação à construção da personagem *Sem Medo*, pois esta última se mantém politicamente engajada em todo o romance, até se imortalizar em combate no capítulo “A Amoreira”. Já o *Sábio*, é construído na metamorfose: temos inicialmente uma personagem profundamente militante da causa revolucionária, mas sua vivência na guerra vai o modificando, culminando na constituição de uma personalidade reclusa, intimista, que precisa do isolamento para se encontrar, que vive a experiência da melancolia para somente assim retornar com seus sonhos de resistência. Se em *Sem Medo* nós temos certa linearidade na composição ideológica da personagem, em *Anibal* nós veremos um processo de transformação, que se dá do engajamento até a melancolia, da melancolia até a melancolia de resistência.

Quando penso nos sofrimentos somados de todos, nas esperanças individuais destroçadas, nos futuros estragados, no sangue, sinto raiva, raiva impotente, mas contra quê? Já nem é contra o inimigo. Cumpre o seu papel de colonizador. O colonialista é colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranquila do amanhã. Falamos sempre no amanhã. Ontem era a noite escura do colonialismo, hoje é o sofrimento da guerra, mas amanhã

será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. Tão eterno que o povo esquece o passado e diz ontem era melhor que hoje (PEPETELA, 2013, p. 169).

[...] o Sábio convoca a memória na compreensão do trauma histórico como repetição e superação capazes de suturar os fiapos da esperança que restaram. Sob o ponto de vista narrativo esta sutura apazigua a polaridade negativa estabelecida entre o sujeito e o processo histórico pela moldura cultural. A referência ao horizonte cultural como depositário das queixas, da conformidade dos desejos do sujeito, reorientam a narrativa na direção, tanto e mais da inexorabilidade da vida, quanto da tênue possibilidade de resistência (FARIAS, 2008, p. 94).

Outro elemento aproximativo entre estas personagens é seu envolvimento afetivo com as personagens femininas centrais dos romances. É também nestes diálogos que seremos interpelados pelo projeto pepeteliano de discutir a problemática de gênero na sociedade angolana, sendo estes também atravessados pelo debate em torno dos papéis de homem e mulher neste projeto emancipatório e libertário. Suas falas corroboram com a perspectiva de que para se construir uma nação de fato liberta do jugo colonial e moldada num tempo revisionário necessário se faz trazer para o centro do debate também as demandas das mulheres e suas reivindicações. Estes se colocam solidários a militância feminina em prol de igualdade de direitos e de apropriação de si por elas mesmas.

[...] Mas, quando se tratava duma menina bem educada, com maneiras estudadas de cidadina que nasceu no muceque [periferia] e que quer chegar a vive na Baixa, então essa tinha de ser natural e direta, ou então difícil. Ou ela conduzia o jogo ou então não provocava um duelo para suplicar em seguida. Sem Medo apreciava a dignidade da mulher que é capaz de lutar pelo que deseja ou que é capaz de retardar a captura, só para aumentar o prazer da captura. Ondina deixar aperceber uma natureza equívoca [...] (PEPETELA, 2013, p. 95. Os colchetes são nossos).

- Quando me propuseste o banho de mar, percebi que se aceitasse, ia finalmente acontecer aquilo por que tanto esperara. E que mais uma vez, a iniciativa tinha de ser minha, para que se não gorasse de novo. Por isso hesitei. Ao dizeres que não havia diferença se nadasse nua, estavas a indicar que desta vez ajudarias a solução. Aceitei, mas fiquei nervosa. Nervosismo que se tornou pânico quando te vi sentar, preparando-se para tranquilamente gozar o espetáculo de me ver despir, a frio. Afinal eu é que tinha de tomar a iniciativa (PEPETELA, 2013, p. 264).

Temos, portanto, duas importantes personagens, que dialogicamente e através das suas várias identificações, carregam a própria aura pepeteliana no fazer literário, tanto do ponto de vista estético, quanto ideológico. Suas composições, intervenções e ações na efabulação corroboram com a perspectiva militante do autor em propor narrativas que sejam (re)leituras da História. Uma História também a ser (re)criada, observando-se o que se produz nas entrelinhas, nas margens, nas fissuras, nas plurais intenções, na diversidade da ação. Um diálogo que vai da profunda militância, passando pelo exílio melancólico, culminando num despertar para a continuidade, sabendo-se que a sobrevivência se faz na luta e na resistência.

### Para não finalizar...

[...] De mim  
parte de um pedaço de terra  
semente de vida com gosto de mel  
criança parida com cheiro de luta  
com jeito de briga na areia da praia  
de pele retinta, deitada nas águas  
sugando os seios das ondas do mar.  
De mim  
parte NEGRITUDE  
um golpe mortal  
negrura rasgando o ventre da noite  
punhal golpeando o colo do dia  
um punho mais forte que as fendas de aço  
das portas trancadas  
da casa da história.

122

Celinha

Pensar a literatura africana, em especial aquelas produzidas nos países de língua oficial portuguesa, é olhar sempre para nós, que estamos cá, do outro lá do Atlântico. Não passa apenas por uma experiência aproximativa do ponto de vista linguístico, histórico, imagético, cultural, temático, mas é buscar entender quem somos, em origem, em história, em afeto, em subjetividade, em ancestralidade.

A literatura angolana, em especial, a de Pepetela, é missão, pois nitidamente e inclusive através da própria construção dos elementos estéticos das obras,

temos uma arte empenhada nas transformações sociais, na denúncia e na crítica. A literatura age em prol dessas possibilidades e neste sentido, como representação, reflete estas identidades que se forjam no enfrentamento e na resistência da ação.

Creemos que mais que pensar e decidir caminhar desta maneira empenhada com sua arte, Pepetela é todo este contexto e construir uma literatura que represente o povo, em suas dores, mazelas, sofrimentos, potencialidades, é ser ele próprio transfigurado em arte, em personagens, em narradores. É estar em compromisso consigo mesmo. É afirmar em caneta, pena e pincel que a arte pode sim transformar vidas e viabilizar sonhos, mesmo que para isso tenha que refletir profunda e, por vezes, melancolicamente, sobre estas (im)possibilidades.

Falar de África, numa perspectiva do cuidado de si, de encontro ancestral, de redescobrimto de alma, de dentro, também é mergulho, é imersão. Se os romances se colocam politicamente engajados na desconstrução das opressões e em prol da autonomia do povo, por que a crítica precisa ser necessariamente imparcial? A nossa não é, assumidamente. Acreditamos também que as pesquisas acadêmicas, realizadas por ativistas, ainda mais em se tratando de pesquisadores forjados em suas identidades na periferia do poder, também podem utilizar seu verbo e observações como forma de resistência e participação ativa da vontade de se pensar outras epistemologias, inclusive em âmbito acadêmico. E como não seria?

As personagens guerrilheiras de Pepetela nos encantaram, as cores e aromas de África, melancolicamente resistente a toda opressão e dor impingida historicamente e que insiste em querer dominar e cooptar as subjetividades. Se a obra de arte pepeteliana é declaradamente empenhada na transformação social e política dos seus, a crítica também o é, pois é pulsão ancestral, é encontro pessoal, é libertação, movimentação de devires, em caminhares fronteiriços, na diversidade do verbo, no atravessamento dos corpos e dos

tempos, sendo emblema, bandeira, luta, resistência, sem medo da melancolia quando esta pedir para entrar.

### Referências:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Memórias de uma geração da utopia, ou da esperança como princípio. *Abril - Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Niterói, v. 5, n. 11, p. 69-83, nov. 2013.

ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia*. O problema XXX, 1. Tradução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: Edunesp, 1998.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê, 2009.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: \_\_\_\_\_. *Violência e Psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 103-116.

COUTO, Mia. Pepetela - a pestana vigiando o olhar. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê, 2009.

EDLER, Sandra. *Luto e melancolia: à sombra do espetáculo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: UFBA, 2008.

FARIAS, Vera Elizabeth Prola. Identidade e história de Angola: *A geração da utopia*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 89-98, out./dez. 2008.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores Associados, 2012.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamim. Tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2007.

MATA, Inocência. *Pepetela: a releitura da história entre gestos de reconstrução*. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê, 2009. p. 191-209.

MONGA, Célestin. *Nilismo e negritude: as artes de viver na África*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: LeYa, 2013.

PEPETELA. *A Geração da Utopia*. São Paulo: LeYa, 2013.

RUIVO, Marina. *Mayombe: Angola entre o passado e o futuro*. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). *Portanto... Pepetela*. São Paulo: Ateliê, 2009. p. 241-248.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos. Ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

SILVA, Cibele Verrangia Correa da. *A narrativa de dois Joões: um diálogo sobre identidades*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

SILVA, Cibele Verrangia Correa da; BORGES, Daniele; NUNES, Maikel Dias (Org.). *De Zacimbas a Suelys: coletânea Afro-Tons de expressões artísticas de mulheres negras no Espírito Santo*. São Paulo: Me Parió Revolução, 2017.

SOUZA, Adriano Ibraim e Ramos de et al. Guerra civil e o desenvolvimento econômico em Angola. *Revista de Economia*, Anápolis, v. 7, n. 2, p. 1-21, jul./dez., 2011.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Edunesp, 2011.

Recebido em: 18 de agosto de 2018.  
Aprovado em: 17 de outubro de 2018.